Identificação da proposta	
Título do projeto de pesquisa:	O fascismo e a fobia: uma leitura psicanalítica da teoria crítica de Walter Benjamin
Grande área/área da CAPES:	FILOSOFIA/ÉTICA
Palavras-chave:	Benjamin. Fascismo. Fobia. Guerra.

INTRODUÇÃO

O presente projeto procura apresentar as bases possíveis para uma leitura psicanalítica da teoria do fascismo de Walter Benjamin ou, pelo menos, de produzir uma interpretação de sua reflexão fragmentária acerca desse tema, a partir de uma certa chave de leitura psicanalítica. Partamos, primeiramente, de um tratamento que desdobre o sentido do diagnóstico atribuído por Benjamin à experiência social contemporânea – mais precisamente a do período do entre-guerras –, condensado na seguinte formulação de seu texto *Experiência e pobreza*: "as ações da experiência estão em baixa" (p. 123).

O sentido desse diagnóstico guarda uma dupla valência, pois que ele evidencia tanto a "pobreza em experiências da humanidade em geral" (*ib*., p. 125), como, ao mesmo tempo, vislumbra as notas de um "conceito novo e positivo de barbárie" (*loc. cit.*). Nesse sentido, tal condição de miséria da experiência, é preciso reconhecer, recebe um olhar dialético de Benjamim. O vetor desse processo que iremos destacar, com a presente circunscrição da questão, trata-se, contudo, do que diz respeito ao aspecto "negativo" dessa barbárie. Nessa direção, temos que entender que a compreensão de Benjamim, frequentemente, reporta a uma incapacidade de construir uma experiência comunicativa, às vezes expressa em termos de impossibilidade para narrar, outras tantas, mais diretamente, como uma incapacidade posta para a "faculdade de intercambiar experiências" (*O Narrador*, p. 213). Por ora, sem uma mediação mais profunda, devemos fazer valer esse diagnóstico como a descrição e a caracterização das modernas relações sociais, pois que, certamente, tais formulações que denunciam e "fazem confessar nossa pobreza" (*Experiência e Pobreza*, p. 124) estão em relação direta ou são a expressão e leitura do modo de "funcionamento" das modernas relações de trabalho.

Mesmo quando seus objetos de tratamento são matérias propriamente literárias, Benjamin não renuncia a trazer para o centro da discussão, ou aludindo de forma mais figurada, por vezes, o mundo social do trabalho. Pensemos n'*O Narrador*. Ao empregar as figuras do andarilho e do marinheiro, os quais na perspectiva da primeira pessoa vivenciam o que pode ser encampado na inteireza de uma vida, ou referir ao trabalho manual das corporações de ofícios pré-modernas, onde a extensão e a complexidade da cooperação dos homens não fragmentam o indivíduo da totalidade do

processo de trabalho, Benjamim pretende com isso não estabelecer um ideal retroativo para marcar um luto a ser feito em um presente sem esperanças, mas fazer contrastar intuitivamente o que se perde de modo cada vez mais vertiginoso na experiência social capitalista do trabalho, na medida em que trabalho e experiência tornam-se progressivamente estranhos e inimigos, na exata proporção em que a narração tende intensivamente na direção de uma atividade monológica, uma fabricação cujas matérias-primas consistem nas vivências monótonas da interioridade moderna.

Vale a pena, nesse sentido, vincular a reflexão de Benjamim, principalmente pela perspectiva do olhar, a uma tradição dialética que passa por Hegel e por Marx. Vem da reflexão filosófica de Hegel essa centralidade do mundo do trabalho no interior do que ele chamou de "espírito objetivo". Essa eticidade objetiva que passa a exprimir a verdade do moderno, tem o sentido de discernir a moderna sociedade civil-burguesa das formas anteriores de sociedade em que a eticidade era constituída por uma lei abstrata, pela prevalência de uma tradição ou de costumes éticos defrontados ou segregados da produção material da vida social. O conceito de barbárie de Benjamim haure seu aspecto positivo dessa condição desvencilhada que a individualidade moderna alcança com relação a formas substanciais que capturam a particularidade concreta do indivíduo. Eis a razão que é facultado ao indivíduo moderno operar "a partir de uma tabula rasa" (*Experiência e Pobreza*, p. 125), nesse sentido, o empobrecimento da experiência se traduz nessa ausência de uma eticidade substancial que outrora sustentava e perfazia os laços em outras experiências sociais, o que impõe à modernidade uma visada histórica para a construção social de uma experiência comum. Esta situação é referida por Benjamim na expressão "nova barbárie" (*loc. cit.*). Marx radicaliza essa equação entre experiência e trabalho, derivando, consequentemente, das condições alienadas da produção material da vida no capitalismo, a situação de alienação político-social do indivíduo moderno. Trata-se de apresentar esse processo de fragmentação que o modo de produção capitalista impõe aos trabalhadores modernos como perda progressiva de uma experiência capaz de se apropriar do uso, do tempo e dos meios de vida, onde a inversão da finalidade social é consumada na perfectibilidade crescente da troca e intercâmbio das coisas (mercadorias) e na reificação dos produtores reais, ao ponto de estes se cristalizarem como meios e instrumentos, onde se apresenta a possibilidade e as condições para serem fins e sujeitos.

Não é oportuno aqui aprofundar esses nexos, mas, pelo menos, oferecer um pano de fundo à frente do qual se ressalte o sentido dialético da *pobreza de experiência* em que insistem os escritos de Benjamim. Nesse propósito, a título de um último reforço, podemos mencionar uma crítica que Benjamim tece a uma certa concepção progressista de trabalho – moeda corrente de um marxismo vulgar, à época –, à qual ele se opõe justamente porque "não examina a questão de como seus produtos [do trabalho] podem beneficiar trabalhadores que não dispõem deles" (*Sobre o Conceito da* História, p. 247). É óbvio, para uma leitura mais atenta, que Benjamim alude aqui ao processo de usurpação do produto do trabalho, própria à produção capitalista, desvendado por Marx no processo de produção, pelo capital, de "mais-valia". Se fazemos gravitar o interesse da crítica teórica de Benjamin em direção a um cerne materialista de uma crítica da alienação social do trabalho, atrelando tal processo à sua diatribe da miséria da experiência, é pelo fato de que a constante equação que comparece em sua reflexão, a saber, entre técnica e guerra, somente pode ser compreendida com suficiência quando inscrita no horizonte dessa perspectiva, isto é, somente sob os signos dessa *inversão* e desse estranhamento entre trabalho e experiência social.

O escrito *A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica* é uma fonte paradigmática onde se apresenta essa relação diretamente proporcional – "preservando as atuais relações de propriedade" (p. 210), diga-se de passagem –, entre técnica e guerra. Afirma Benjamin: "somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente" (*loc. cit.*). Citemos uma passagem do mesmo texto, com um teor mais pormenorizado a esse respeito, onde Benjamin procura fazer uma tradução dialética do *Manifesto Futurista* do poeta Marinetti, no momento em que este se remete à guerra colonial:

> como a utilização natural das forças produtivas é bloqueada pelas relações de propriedade, a intensificação dos recursos técnicos, dos ritmos e das fontes de energia exige uma utilização antinatural. Essa utilização é encontrada na guerra, que prova com suas devastações que a sociedade não estava suficientemente madura para fazer da técnica o seu órgão, e que a técnica não estava suficientemente avançada para controlar as forças elementares da sociedade. Em seus traços mais cruéis, a guerra imperialista é determinada pela discrepância entre os poderosos meios de produção e sua utilização insuficiente no processo produtivo, ou seja, pelo desemprego e pela falta de mercados. Essa guerra é uma revolta da técnica, que cobra em "material humano" o que lhe foi negado pela sociedade (p. 211).

É inequívoca, nessa passagem, a presença da *inversão* que a contínua experiência alienada do trabalho promove, precisamente porque ela redunda no mero desenvolvimento de forças produtivas, da técnica considerada simplesmente, dirá em outro lugar Benjamin, como "progressos na dominação da natureza" (*Sobre o Conceito da História*, p. 247), sem retorno social para os produtores. Nessa articulação, as virtualidades e potências sociais represadas da técnica extravasam sob a forma de uma agressividade terrífica que, por um sinistro encaminhamento, retorna contra os próprios trabalhadores e é agenciada pelos mesmos. Interessa-nos, pois, partir dessa relação entre guerra e experiência, estreitada nesses termos benjaminianos, bem como do modo como a potência social represada ou bloqueada da técnica redunda numa agressividade controvertida, para nos valermos de uma analogia possível, construída a partir de uma constelação de conceitos e elementos que pertencem ao campo do discurso psicanalítico, capaz de funcionar como uma chave interpretativa que desvenda o enigma dessa solução terrífica e necessária que representa a apoteose da guerra para a experiência social capitalista, bem como desvela o fenômeno do fascismo como resultado desse circuito.

Não é à toa que seja nas vivências de guerra e no vazio aberto pelo empobrecimento narrativo dos combatentes acerca dos eventos vividos, que Benjamin enfatiza o "buraco sem fundo" (*O Narrador*, p. 214) em que a experiência caiu. Tanto n'*O Narrador* como em *Experiência e Pobreza*, textos paradigmáticos na apresentação da questão, essa é a pedra de toque da certeza da reflexão de Benjamin. Essa situação intrincada que Benjamin procurou descrever e analisar, introduzindo figuras e imagens nem sempre aptas a uma compreensão de curto prazo, recebe, quando introduzimos uma perspectiva psicanalítica, uma iluminação capaz de deixar os elementos envolvidos mais individualizados e nítidos, sobretudo aquela perspectiva desenvolvida pela reflexão de Jacques Lacan, que passou a explicar os processos de formação de sintoma e de adoecimento psíquicos com base em três registros heurísticos, quais sejam, o imaginário, o simbólico e o real. Para estabelecer esse paralelo, ou melhor, começar a entrelaçar esses fios do discurso psicanalítico e da teoria crítica de Benjamin, temos que

nos voltar para o entendimento do funcionamento da produção da fobia. Comecemos com a formulação e proposição freudianas e prossigamos até uma compreensão lacaniana dessa forma de organização de defesa psíquica.

A fobia

Partamos aqui do Caso Hans, relatado por Freud em 1909. Não faremos o histórico e contextualização clínicas do caso, nem a reavaliação do estatuto da fobia enquanto estrutura psíquica. Vamos direto ao fenômeno. Freud descreve a fobia como um processo de defesa, uma construção ou artifício do sujeito para barrar a angústia ou evitar a sua permanente emergência. A produção da fobia se vale, em grande parte, de um esforço de elaboração do sujeito, isto é, um trabalho de simbolização, por causa disso, trata-se de um trabalho que se passa na relação com a linguagem, suscitado quando o sujeito se depara com algo que produz nele um estado penoso ou angustiante. Contra essa situação de perigo, que ameaça permanentemente prejudicar o sujeito, ele se defende construindo uma posição de potência amparada na linguagem, isto é, ele faz um objeto fóbico, como se diz. Por meio do trabalho de produção fóbica, é como se o sujeito designasse um rosto ao perigo, marcasse com um símbolo a fonte insuportável do sofrimento, pois ele passa a conseguir lidar com esse perigo quando constitui para si uma posição de potência linguageiramente arquitetada. Esse trabalho simbólico consiste em fabricar nomes e signos para o estranho e o ameaçador, para isso que Lacan chamará de "o real", que é, no fundo, o inominável, quer dizer, aquilo que não pode ser neutralizado pela pretensão simbólica, por mais compactante e consistente que ela se arvore ser, pois o real, segundo Lacan, sempre fará buracos e rasgos nessa cobertura simbólica que tecemos, quer dizer, ele nunca perderá seu valor e eficácia de perigo. É nesse sentido que Freud pensará a fobia como a estruturação de uma medida ou artifício protetivos. Através da construção dessa defesa, portanto, o terrífico da coisa se transforma em um medo controlável. O sujeito, assim fazendo, obtém um duplo ganho do ponto de vista econômico. Por um lado, o real da angústia torna-se emergente somente na aparição desse objeto representativo, substitutivo. Ao invés da angústia "pura", emerge no sujeito o medo determinado de animais, criaturas, forças portentosas e aniquiladoras da natureza, ou um medo circunstancialmente determinado diante de uma situação bem definida. Assim, a angústia ante o real transmuta-se, em grande parte, em um medo localizável, situável, nomeável, minimizando seu prejuízo para o psiquismo do sujeito. Freud depositou um resoluto voto nesse trabalho de simbolização, o qual é feito primordialmente nas circunstâncias da transmissão simbólica parental, antes de tudo, mas também, na projeção ampliada da educação formal e das instituições políticas, como camadas que vão se superpondo nesse processo de estratificação simbólica que atine a cada indivíduo. É importante fazer nota de que há duas interveniências que Freud aponta como perturbadoras desse processo de apropriação pela linguagem que nos apresenta a produção da fobia. A primeira diz respeito ao confronto forçado com o objeto fóbico. Para Freud, essa impaciência e arbitrariedade sádica que impõe ao sujeito superar seu medo através do contato infligido e direto com o objeto fóbico é uma violência estéril e esgarçadora do trabalho simbólico, pois tal violência que julga lidar com uma "covardia incompreensível", efetua um constrangimento ao psiquismo do sujeito com base em uma força desproporcional à contra-força do trabalho mais sutil de elaboração do mesmo sujeito. A outra via de

prejuízo da simbolização é aquela que, através da transmissão simbólica, vela ou recua diante de fatos e eventos sobre os quais a criança precisa produzir significações. No caso de Hans, Freud identifica pontualmente isso na recusa dos pais em falar com o filho sobre a "existência da vagina e do coito" (*Obras Completas*, v. 8, p. 280). Esse recuo a que o pudor e o moralismo impeliram os pais de Hans, quando estes se depararam com a curiosidade embaraçosa da criança, produziu lacunas que Hans procurou preencher com sua própria imaginação, fomentando e reforçando, em termos freudianos, algumas fixações fantasísticas para a criança. Lacan, ao fazer a releitura do caso, afirmará que são esses pontos de velamento, onde se localizam as falhas da transmissão simbólica, que impelem o sujeito a fazer suplência do trabalho simbólico ausente nesses buracos com um material de sua provisão imaginária. Não vou falar aqui do problemático que existe nesse privilégio do simbólico para Freud, mas apenas ressaltar que esse processo de elaboração, em geral, constitui, pelo menos na sua forma de operar, o processo de produção de uma posição do sujeito no que diz respeito a suas defesas, a seu desejo e, claro, a suas construções fantasmáticas. Freud caracteriza a fobia como uma solução ainda muito primária para fins de barramento da angústia, seus recursos são precários, embora isso não signifique que não sejam complexos e sutis. Tanto é que, do ponto de vista de um paralelo que podemos fazer entre os planos onto e filogenético, ele põe essa ficção infantil instanciada na fobia em cotejo com o totemismo de primitivas civilizações. Ele a avalia, em suma, como um "miserável sucesso" (*ib*., p. 274).

Posto que no processo de fabricação da fobia estão implicados, de uma forma determinada, os elementos do simbólico, do imaginário e do real, interessa-nos, então, recuperá-la para a compreensão da relação entre narração e experiência em Benjamim, na medida em que esse empobrecimento da capacidade de narrar parece ter algo a ver, por um lado, com uma deficiência de simbolização própria de nossa vida presente e, por outro, com uma incapacidade de nos apropriarmos das vivências depreendidas de eventos que nos remetem a esse confronto forçado, imposto segundo uma gradação desproporcional em comparação às limitações "antropológicas" do sujeito, que amiúde chamamos "homem", quando arremessado à desolação da guerra.

As vias do prejuízo

Para desenvolver a problemática da agressividade constitutiva da guerra moderna em Benjamim, assim como do circuito que tal agressividade perfaz, propomos aqui que tal compreensão, cujo aprofundamento constitui a tarefa posterior da presente proposição de pesquisa, deve ser estabelecida com base na explicitação de duas vias: 1) a via da produção do recalque e 2) a via do prejuízo pelo real. Ambas as vias encerram e dão coerência a esse processo de alienação e empobrecimento da experiência. Ambas também podem assumir uma coerência quando abordadas com base nos elementos e na dinâmica de formação da fobia.

A primeira via nos é conhecida e é preciso dizer de saída seu nome: alienação cotidiana do trabalho. Não entro aqui nos desdobramentos econômicos, mas propomos a pergunta: na medida em que o modo de produção capitalista se assenta no roubo do produto do trabalho, promovendo socialmente um processo crescente e massivo de proletarização, baseado no assalariamento, essa forma na qual se põe em

jogo a relação não equivalente "força de trabalho *versus* salário", em termos de captura do tempo de vida do indivíduo, perguntamos, onde é cobrada essa dívida material desse montante exponencial de investimentos não pagos feitos pela massa de trabalhadores mundial? Pode-se dizer que esta pergunta abre espaço para a consideração de múltiplos fatores, de ordem sociológica, psicológica, político-estatística etc. Mas na presente argumentação, propomos nos concentrar em uma resposta de feição político-filosófica, digamos. Sabemos que, sacar-se do assalariamento hoje não é propriamente uma escolha para um uso de nosso tempo de vida, considerando a manutenção das condições atuais de trabalho, ou, como diria Benjamin, "preservando as atuais relações de propriedade" (p. 210), sem que, com esta "escolha", deparemo-nos com uma precarização tão tremenda de nossas vidas que a nossa própria sobrevivência entra em questão. Sabemos que há séculos toda uma "corvéia anônima", principalmente no capitalismo, preside à produção e reprodução material na infra e super-estrutura de nossa sociedade. Tanto investimento feito por séculos a fio, por massas e massas de homens, incalculáveis, e que não retorna para o usufruto dos mesmos. Eu suponho que todo esse investimento efetivo de trabalho, substanciado pela energia material e eficiente subjacente a toda produção, não se satisfaça com a grata renúncia a esse "desperdício" de trabalho materializado que reside no montante que excede o salário recebido. É aqui que gostaria de, mesmo indicando de forma avara, situar o acúmulo de insatisfação que aprisiona o indivíduo numa lógica de ressentimento. A massa de trabalho não pago que não retorna na forma do uso para o trabalhador, pergunto, esse acúmulo de insatisfação crescente que produz uma agressividade reivindicatória, a qual é completamente impotente no nível atomizado do indivíduo, para onde isso vai? Respondamos isso diretamente: para a guerra! Em suma, essa agressividade canaliza-se e encaminha-se para seu destino sob a forma da economia do recalque. Sua forma paroxística e de vazão controvertida está garantida na guerra. Tais investimentos não pagos, cobram, na forma de um gozo de destruição, o preço enviesado de um desejo de destruição que estaria originalmente orientado contra a destruição simbólica e material das condições de trabalho sob o domínio do capital. Eu falo em funcionamento ao modo do recalque precisamente porque na medida em que esse desejo de destruição não é levado a efeito, ele sustenta a manutenção da sua meta, a destruição, somente enquanto elabora um mascaramento ou recobrimento do objeto. Como os objetos substitutivos são "inadaptados" para compensar economicamente o anseio desse desejo recalcado, o resto da agressividade não capturada pelo trabalho de simbolização empregado no processo de substituição se canaliza para a descarga da guerra, por meios e vias que a dominação do capital tem aquilatado em técnicas e em métodos cada vez mais coesos e eficazes. É precioso ressaltar que essa canalização tem seu fluxo por baixo, às costas da consciência, como diria Marx. Como é que essa agressividade contra as condições de trabalho "passeia", processa seu metabolismo obscuro e emerge sob a forma da destrutividade da guerra, reorientada contra os próprios trabalhadores, o "material humano", como afirma Benjamin, que é origem e se transforma irônica e tragicamente em alvo dessa agressividade, não saberíamos dizer, embora seja possível pensar ou imaginar uma miríade de sutilezas maquiavélicas. O fato é que essa reversão do investimento agressivo deve nos assombrar como a magia macabra da coisa.

Daqui podemos partir para a segunda via que mencionei mais acima: a via do prejuízo pelo real. Aqui eu retomo mais enfaticamente Benjamim, pois seus textos são pródigos em remissão a esse encaminhamento da agressividade de que falamos. Benjamim compreende a guerra como uma revolta da técnica, como uma vazão controvertida de uma destruição que retorna contra a sociedade, como referido já acima: a guerra é a potência social arruinada da técnica que "cobra em 'material humano' o que

lhe foi negado pela sociedade" (p. 211). Existe uma íntima demanda dos indivíduos, dirigida ao desenvolvimento maravilhoso das forças produtivas, por uma fruição social, mas que, no entanto, retroage repetidamente à reprodução material da miséria. Afirma Benjamim, em *Teorias do fascismo alemão* (1930), "os instrumentos técnicos [...] lutam por justificarem-se" (p. 63) e, ademais, reitera: "cada guerra que se anuncia é uma revolta da técnica" (p. 63). De maneira mais conclusiva, posso citar ainda a seguinte passagem, constante no texto sobre a reprodutibilidade técnica na arte: "somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de propriedade" (p. 210). O tom dignamente exasperado de Benjamim em *Teorias do fascismo alemão*, em resposta a toda uma vaga de literatura dedicada a monumentalizar um "heroísmo guerreiro", através de um realismo hediondo, é uma invocação a combater a ideologia nacionalista, esta senha que captura e arregimenta os homens no campo fictício de uma oposição falsificada. Um lirismo mistificador, que prepara, através de uma metafísica eivada de moralismo, o terreno ideológico da guerra, os "encapamentos" fóbicos necessários, para tornar localizável o perigo e produzir suas linhas de forças e de efeitos no estrato das inimizades nacionais.

Essa mistificação lírica da guerra esconde e obsceniza justamente a sua face terrífica, a desproporção que a guerra torna flagrante, o seu ilimitado poder de carnificina diante do "material humano". Prestemos atenção como Benjamim nos apresenta esse contraste com centralidade em *Experiência e pobreza*: "num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano" (p. 124). A compleição antropológica é, através dessa imagem, tornada completamente, diríamos nós, "inadaptada", infinitesimal, quando reportada às virtualidades da destrutividade épica das novas técnicas e linhas de montagens da guerra. Eis a outra via de retroação do desejo, que é complementar à alienação cotidiana da experiência do trabalho assalariado, a habilidade cruel de assujeitar pelo real da destruição e do desamparo, de obrigar pela violência mítica, o recuo do sujeito da tarefa de enfretamento e de destruição das condições que aprisionam as potencialidades emancipatórias da técnica.

Articulação provisória e delineamentos para a futura pesquisa: o real, o simbólico e o imaginário

A título de uma articulação provisória, começo reforçando o efeito desse aspecto de real, isto é, o caráter aterrador da guerra. Não é casual que no mesmo parágrafo de *Experiência e pobreza*, ao aludir ao mutismo narrativo dos soldados que retornam da experiência da guerra, Benjamim destaque esse contraste entre o poder terrífico da guerra e o vulnerável e minúsculo corpo humano que circula baratinado nesses campos de morte. A meu ver, trata-se aqui de estabelecer um nexo forte, senão uma identidade, entre a perda da capacidade de narrar e a incapacidade de simbolizar as vivências penosas do *front*. Abro aqui um parêntese para lembrar que é exatamente a vivência traumática de guerra, cujo sofrimento recalcitrava à elaboração analítica por parte das tentativas terapêuticas dos sobreviventes, pois tais cenas de horror vividas reapareciam e perseveravam numa recorrência intransigente e indefinida nos sonhos dos neuróticos de guerra, o que impeliu Freud a uma reelaboração de sua teoria da libido, compelindo-o a dialetizar a dimensão pulsional da libido, introduzindo, como expediente explicativo de um desejo que faz o sujeito retornar sem cessar pela via

onírica à situação de sofrimento, o componente da chamada "pulsão de morte". O prejuízo na capacidade de simbolizar a vivência de guerra – é o que queremos propor – apresenta uma estreita similaridade com a dificuldade de operar a travessia fóbica pelo sujeito que é instado por uma violência autoritária a estabelecer uma proximidade indefensável ao real que está velado no objeto fóbico. É por meio do incremento desmesurado de angústia contra as "defesas" precarizadas do indivíduo que o autoritarismo sádico logra suas injunções. Eis que o frágil sujeito combalido recua desse horror infligido, prejudicado na capacidade para simbolizar esse terrífico, porque não dizer, na capacidade de assimilar esse inominável. É na tentativa de reconstrução desse vazio deixado pelo "esburacamento" do simbólico, feito pelo real da guerra, que o indivíduo, que permanece no encalço de remendá-lo, do fundo de suas parcas forças minguadas pela violência sofrida, vai fazer suplência ou transigir, como o fez Hans em sua fobia, à oferta de um material imaginário que circula numa disponibilidade luxuriante na profusão de imagens que a estetização da política fornece.

Eu penso que essa sutura imaginária, que eu chamaria de o efeito "Camundongo Mickey", tão bem metonimizado por Benjamim quando faz o nome dessa personagem miraculosa intitular uma das seções de seu texto sobre a reprodutibilidade técnica, representa o registro de fecho desse açodamento paralisador do desejo do sujeito. Cabe aqui apenas uma sucinta tentativa de explicação desse efeito Mickey. Ele se materializa nos processos de sugestão que nos impelem, sob a forma da eficácia onírica, à realização de uma potência postiça do sujeito, uma vez que este se encontra cada vez mais insulado do simbólico e do real, cumulado de impotência social, inibido em sua motilidade, sedento por uma resolução que ele encontra, extraindo disso um contentamento fugaz, por meio de um expediente alucinatório, fartamente disponível agora no mundo da vigília. A esse propósito, nos dirá Benjamim,

> aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem a finalidade da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência redentora que em cada dificuldade se basta a si mesma, do modo mais simples e ao mesmo tempo mais cômodo, na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de balão (p. 128).

Podemos encontrar um reforço para o fato desse prejuízo provocado pela vivência de um real desmesurado da guerra, esse insimbolizável, diríamos nós, quando atentamos para a caracterização, feita por Benjamim, dessa gente que protagonizou os combates: elas pertencem, diz Benjamin, a "uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos" (p. 121). O contraste dessa imagem idílica e pitoresca com os quadros escatológicos de uma guerra mundial torna patente a abrupção da mudança tão catastrófica de cenário para essa gente. Eis a catapulta da guerra.

Gostaríamos de encerrar a proposição do presente projeto de pesquisa com uma reflexão sobre isso que denominamos de "insimbolizável". Ele é – esse é o nome mais aproximado que temos em nossos miseráveis vocabulários para dizê-lo – a morte. Mas a morte não é nenhuma novidade para os homens; em certa medida, nem para nós, ousaríamos dizer. Por que então revesti-la com toda essa aura de terror e de culminância? Nós sugeriríamos que a experiência da primeira grande guerra trouxe algo de novo no *front*. Não foi somente o perigo de morte que abate "o minúsculo e frágil corpo humano" o que Freud escutou dos traumatismos intratáveis narrados pelos neuróticos e psicotizados de guerra, foi o perigo, eu o direi, da destruição do próprio

laço social. É a partir disso que podemos procurar entender um pouco melhor o fenômeno do fascismo, quando rastreamos os primórdios de suas aparições mais ostensivas e suas experiências mais positivas, sua emergência não casual em países assolados pela guerra, como a Itália e a Alemanha. O fascismo se estrutura, em seu cerne, como uma defesa do laço social, por mais paradoxal que isso possa nos soar. Toda a questão reside no modo como esse reforço protetivo no fascismo opera as suturas dos buracos que sulcaram o simbólico, pois nenhum fascismo se consolida sem uma transmissão simbólico-imaginária de senhas de comandos universalistas e ideais imaginários capazes de canalizar a agressividade recalcada e que promovam a falsificação fóbica capaz de fornecer falsos inimigos. São tamponamentos para barrar a angústia diante de uma coisa inominável: a perda total do laço social que é vislumbrada nas vivências de guerra. É por isso que o ódio fascista à alteridade nos parece num primeiro tempo, tão arrazoado. Não percamos aqui, porém, o fio da coisa, ou melhor, o feixe, de onde o fascismo retira seu nome, o *fascio*, essa aglomeração em feixe do fascismo deve ser entendida como uma juntura social e um canhestro mecanismo de defesa e procura pela preservação do laço, pois que há uma presença do laço social nos aglomerados fascistas, mesmo que na forma de um sombrio decalque. O fascismo é a forma mais alarmante e desesperada de uma reação diante da ameaça de destruição do laço.

Pensamos que o fascista está capturado nesse limbo que desconectou o momento da meta de destruição do momento de investimento objetal, que é o inimigo no real, ou melhor, na real, como se costuma dizer. Esse objeto velado são as potências de morte do capital. A angústia de defrontar esse real encontra sua facilitação estabilizadora na oferta generosa sob a forma imagética de inimigos virtuais. Essa mudança objetal, que transmuta a agressividade em ódio dirigido a um outro determinado, não altera a meta do investimento, pois segue sendo um anseio destrutivo, mas dirige-se então a um objeto suplente. Através do fascismo, a dominação do capital forjou uma técnica que lhe proporcionou uma solução magnífica, o fecho de um circuito homeostático para obter uma vazão administrável da agressividade gestada na insatisfação do proletariado com suas condições de trabalho. Certamente, esta não é a única vazão possível, mas é a resolução que o capital encontrou para o adiamento perpétuo do encontro da meta com o objeto, enfim, desvelado no real.

2. OBJETIVOS

Geral

Estabelecer uma leitura de perspectiva psicanalítica sobre o fenômeno do fascismo na teoria crítica de Walter Benjamin.

Específicos

- Estabelecer uma homologia entre a estrutura da fobia e a lógica de funcionamento e de emergência do fascismo;

- Estabelecer uma homologia entre os registros psíquicos do real, do simbólico e do imaginário com a destrutividade da guerra, a narração e o campo da vivência (*Erlebnis*) do indivíduo moderno em Benjamin;

- Apresentar os nexos entre a teoria da narração de Benjamin e a crítica materialista do capitalismo;

3. METODOLOGIA

Como a proposição da presente pesquisa encontra-se comprometida com a aproximação e o estabelecimento de uma interlocução entre, por assim dizer, duas matrizes teóricas distintas, isto é, por um lado, a teoria crítica de Benjamin, destacando dela, a reflexão fragmentária sobre o fascismo, e, de outro lado, a teoria psicanalítica, abordada a partir da estrutura e da metapsicologia da formação fóbica, na medida em que esta se presta a uma homologia com a dinâmica da técnica e da guerra no capitalismo contemporâneo, e se alinha em seus elementos com o modo de emergência do fascismo como técnica político-social do capital, procederemos, então, à divisão de dois núcleos temáticos a serem tratados e investigados, inicialmente, de forma separada e vinculados a grupos de textos específicos.

O tratamento e estudo desses núcleos temáticos serão feitos de forma permanente, no decorrer do período da pesquisa, e o andamento do trabalho será avaliado através de encontros quinzenais com os orientandos, que serão orientados a, num primeiro momento do processo, produzirem anotações e textos interpretativos onde compareça uma discussão conceitual ou levantamento de problemas e questões relativos aos temas parciais ou subordinados à proposição temática geral da pesquisa.

Um segundo momento do processo da pesquisa será dedicado à apresentação de seminários temáticos propostos pelos próprios orientandos e alternados com seminários preparados pelo orientador do projeto.

Um terceiro momento será destinado à leitura e investigação aprofundadas dos encaminhamentos temáticos que cada orientando adotará, conforme seus interesses de discussão constituídos, com orientação continuada nos encontros quinzenais para enriquecimento bibliográfico e acompanhamento do levantamento das questões que serão discutidas na produção do texto final da pesquisa.

Um quarto momento será destinado à produção do texto final da pesquisa, no formato de artigo científico, onde a relação entre os dois núcleos temáticos deve ser produzida. Os encontros quinzenais passam a ser dedicados ao acompanhamento da produção textual dos orientandos, atentando para os aspectos de articulação conceitual, metodologia da discussão, estrutura de composição e argumentação da questão.

Os dois núcleos temáticos que estruturarão a pesquisa são: 1) Os escritos críticos de Benjamin e 2) A estrutura fóbica.

Com relação ao primeiro núcleo, será feito o recorte dos escritos de Walter Benjamin que datam a partir da década de 30, com exceção do texto *O Surrealismo*, que data do ano de 1929. São eles: *O Surrelismo* (1929), *Teorias do Fascismo Alemão* (1930), *Experiência e Pobreza* (1933), *O Autor como Produtor* (1934), *A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), *O Narrador* (1936) e *Sobre o conceito da História* (1940).

Com relação ao segundo núcleo temático, parte-se do caso clínico paradigmático da fobia, o relato do caso do Pequeno Hans, feito por Freud, intitulado *A Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos* (1909). A sequência desse núcleo será dada pelos textos de Lacan onde é feita uma releitura da "estrutura" fóbica. São eles: o *Seminário 4: A Relação de Objeto* e o *Seminário 16: De um Outro ao outro*.

O trabalho com a bibliografia secundária será feito em paralelo ao tratamento dos textos centrais desses núcleos temáticos.

4. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS, TECNOLÓGICAS OU DE INOVAÇÃO DO PROJETO

A influência da teoria psicanalítica na reflexão de Walter Benjamin, bem como os limites daquela nesta, sempre se apresentou de um modo polêmico na literatura de estudos e interpretações sobre o assunto. A perspectiva que a proposta do presente projeto de pesquisa oferece é apresentar uma leitura em que o trabalho de mapear esse acolhimento de Benjamin do discurso psicanalítico torna-se secundário, trata-se antes de construir um paralelo em que a discussão dos elementos presentes em cada articulação teórica obtenham uma coerência e afinidade heurísticas na busca por compreender os fenômenos da guerra e do fascismo no capitalismo contemporâneo. Essa perspectiva, para a qual não interessa o grau de repercussão que uma matriz teórica exerce sobre a outra, introduz um horizonte de diálogo que faz outras pressuposições metodológicas, pois ela procura uma forma de análise por composição e cotejo de dois registros de discursos, procurando distinguir os distintos encampamentos objetais de cada um, mas também, perseguindo uma coesão de compreensão que esteja para além desses registros unilaterais de preocupações discursivas. Esse estreitamento entre a reflexão de Benjamin e a Psicanálise é uma forma de abrir, metodológica e conteudísticamente, novos objetos de pesquisa por meio dessa intercessão, podendo ampliar as abordagens para o âmbito da arte, da crítica da cultura, da antropologia etc.

5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

<u>Mês 1</u>
- Apresentação do roteiro de pesquisa;
- Revisão, pesquisa e planejamento do tratamento bibliográfico da pesquisa;
- Leitura e fichamento do núcleo temático I.

<u>Mês 2</u>
- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

<u>Mês 3</u>
- Leitura e fichamento do núcleo temático I;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático I.

<u>Mês 4</u>
- Leitura e fichamento do núcleo temático II;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II.

<u>Mês 5</u>
- Leitura e fichamento do núcleo temático II;

- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II.

Mês 6
- Leitura e fichamento do núcleo temático II;
- Encontros para acompanhamento da investigação do núcleo temático II.

Mês 7
- Preparação dos seminários temáticos de Pesquisa;
- Encontros para preparação dos Seminários temáticos.

Mês 8
- Apresentação dos seminários temáticos de pesquisa.

Mês 9
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico;
- Acompanhamento do estudo do material bibliográfico para a produção do Artigo Científico.

Mês 10
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico;
- Acompanhamento do estudo do material bibliográfico para a produção do Artigo Científico.

Mês 11
- Leitura, revisão e Entrega da versão final do artigo científico.

Mês 12
- Avaliação e encaminhamentos para a continuidade temática da pesquisa;
- Escrita do relatório final da Pesquisa

6. PLANO(S) DE TRABALHO DO(S) BOLSISTA(S)

BOLSISTA 1
Título do Plano de Trabalho: Investigação teórica dos núcleos temáticos I e II.
Modalidade de Bolsa Solicitada: PIBIC.
Objetivos Gerais e Específicos: Produção de Seminário de Pesquisa e Artigo Científico.
Metodologia: As atividades de pesquisas consistirão em Leitura, fichamentos, anotações, discussões e produção textual científica.

Cronograma
Mês 1
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
O Surrelismo (1929);
Teorias do Fascismo Alemão (1930).
Mês 2
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
Experiência e Pobreza (1933);
O Autor como Produtor (1934).

Mês 3
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica (1936);
O Narrador (1936);
Sobre o conceito da História (1940).
Mês 4
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
A Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos (1909).
Mês 5
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
Seminário 4: A Relação de Objeto.
Mês 6
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
Seminário 16: De um Outro ao outro.
Mês 7
- Preparação do seminário temático de Pesquisa.
Mês 8
- Apresentação do seminário temático de pesquisa.
Mês 9
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico.
Mês 10
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico.
Mês 11
- Entrega da versão final do artigo científico.
Mês 12
- Escrita do relatório individual final da Pesquisa.

BOLSISTA 2
Título do Plano de Trabalho: Investigação teórica dos núcleos temáticos I e II.
Modalidade de Bolsa Solicitada: PIBIC.
Objetivos Gerais e Específicos: Produção de Seminário de Pesquisa e Artigo Científico.
Metodologia: As atividades de pesquisas consistirão em Leitura, fichamentos, anotações, discussões e produção textual científica.

Cronograma
Mês 1
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
O Surrelismo (1929);
Teorias do Fascismo Alemão (1930).
Mês 2
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
Experiência e Pobreza (1933);
O Autor como Produtor (1934).
Mês 3
Leitura, Fichamento e discussão dos seguintes textos do núcleo temático I:
A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica (1936);
O Narrador (1936);
Sobre o conceito da História (1940).

Mês 4
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
A Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos (1909).
Mês 5
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
Seminário 4: A Relação de Objeto.
Mês 6
Leitura, Fichamento e discussão do seguinte texto do núcleo temático II:
Seminário 16: De um Outro ao outro.
Mês 7
- Preparação do seminário temático de Pesquisa.
Mês 8
- Apresentação do seminário temático de pesquisa.
Mês 9
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico.
Mês 10
- Estudos específicos para produção do Artigo Científico.
Mês 11
- Entrega da versão final do artigo científico.
Mês 12
- Escrita do relatório individual final da Pesquisa.

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. **Seminário 4: a relação de objeto**. Trad. brasileira de Dulce Duque Estrada. ZAHAR: Rio de Janeiro, 1995.

_____. **Seminário 16: de um Outro ao outro**. Trad. brasileira de Vera Ribeiro. ZAHAR: Rio de Janeiro, 2008.

FREUD, Sigmund. "Análise da fobia de um garoto de cinco anos". *In*: **Obras completas em 20 volumes**. Tradução brasileira de Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2015. v. 8, pp. 123-284.

BENJAMIN, Walter. "O surrealismo". *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 21-36

_____. "Teorias do fascismo alemão". *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 63-76

_____. "Experiência e pobreza". *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 123-128.

_____. "O autor como produtor". *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 129-146.

_____. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 179-212.

_____. “O narrador”. *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 213-240

_____. “Sobre o conceito da história”. *In*: **Obras Escolhidas I**. Tradução brasileira de Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. Brasiliense: São Paulo, 2012. pp. 241-252

GAGNEBIN,J-M. **História e narração em Walter Benjamin**. Perspectiva: São Paulo, 1994.

MILLER, Jacques-Alain. **Percurso de Lacan: uma introdução**. Tradução brasileira de Ari Roitman. 2. ed. ZAHAR: Rio de Janeiro, 1988.

PEIXOTO, Nelson. **A sedução da barbárie: o marxismo na modernidade**. Brasiliense: São Paulo, 1982.

PRESSLER, Günter Karl. **Benjamin, Brasil. A Recepção de Walter Benjamin, de 1960 a 2005. Um Estudo sobre a Formação da Intelectualidade Brasileira.** Annablume: São Paulo, 2006.

SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. FAPESP/ AnnaBlume: São Paulo, 1999.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza. Divertissement, segunda natureza e história: considerações sobre a leitura benjaminiana dos Pensamentos de Blaise Pascal. Kalagatos (UECE), v. III/5, p. 103-116, 2006.

_____. Imagem onírica e imagem dialética em Walter Benjamin. Kalagatos (UECE), Fortaleza, CE, v. I, n. 2, p. 45-72, 2004.